Praça, espaço virtual e plateia: o cartaz e suas ambiências

Manoella M. P. Moreira das Neves

Palavras-chaves: Midiatização; Circulação; Ambiência; Cartaz; Manifestação.

RESUMO EXPANDIDO

Esta proposta de artigo é o registro de parte de uma pesquisa de tese em desenvolvimento que consiste em observar as posses e apropriações dos cartazes nas manifestações contemporâneas, com foco nas jornadas de junho de 2013 no Brasil. Para organizar o argumento de pesquisa e deste artigo em desenvolvimento constituíram-se algumas inferências. Uma delas é a de que os cartazes apresentam uma lógica de midiatização própria. O cartaz parece ser utilizado como 'voz' de quem o porta, tais como os balões das histórias em quadrinhos. Confeccionado unicamente para aquele evento, o cartaz se multiplica quando registrado e postado em uma rede social digital, apresentando-se como suporte responsivo, ativo no processo comunicacional, como dispositivo da circulação interacional nas ruas e nas redes. Para tanto, partiu-se da observação de alguns cartazes que foram registrados nas coberturas de sites jornalísticos e que também se encontraram nas mídias sociais digitais, principalmente no Facebook.

Em artigo anterior foi feito um registro sobre as manifestações no mundo desde 2010 até junho de 2013 no Brasil, a partir da observação das formas de organização, lemas e imagens que as constituíram. Desta narrativa, destacou-se a presença das redes sociais digitais e a dos cartazes e suas mensagens que viram hashtags. Neste processo de comunicação, mais que ferramentas, as redes de internet e de telefonia configuraram-se como formas organizacionais, cujos cartazes com suas mensagens constituíram-se como marcadores da circulação nas redes e nas ruas. Como ensina Deleuze (FOUCAULT, 1990), desmaranhar as linhas de um dispositivo é traçar um mapa e percorrer terras desconhecidas. E o ponto de partida do traçado deste trabalho é a compreensão de que o cartaz das manifestações contemporâneas é de natureza midiatizada.

A partir da observação feita anteriormente e sendo resultante de uma pesquisa de doutorado em andamento, em seguida, em outro artigo o cartaz foi analisado em seu valor de signo. Este compreendido em Pierce e Bakhtin, no que suas concepções se aproximam, a saber, o valor do signo para além do objeto que representa. Entende-se que o cartaz da rua, ao ser fotografado passa às redes sociais digitais sendo usado a revelia de quem o criou, de modo a apresentar-se como suporte marcador de circulação. No entanto, em

posse de outrem, o cartaz não somente registra um movimento, mas também gera e recebe sentido em processo de semiose, no qual se entende que este objeto, além de ser suporte marcador é indício sobre os sentidos que pairam nesta circulação.

Agora, neste artigo, o cartaz é observado nas ambiências por onde passa, sendo adaptado, ajustado conforme as técnicas, regras e intenções de cada espaço: na rua, na mídia tradicional, na mídia social. Sendo suporte físico, sendo imagem, sendo postado ou transformando-se em hashtag, as ambiências são traçadas, rastreadas pela passagem do cartaz.

O cartaz nasce sintético, sendo parte de um discurso que já surge fragmentado, uma vez que é individualizado. Cada um segura o seu cartaz e diz nele o que deseja sem a necessidade de regulação prévia de um discurso institucionalizado. O novo movimento social traz a marca da autonomia da comunicação, permitindo que tal movimento se forme sem o controle total e centralizado do poder desta comunicação. Diante disto, o caráter distinto dos conteúdos dos cartazes se dá na forma específica da respondibilidade de cada manifestante. Há uma conversação entre vários, respondendo a questões postas por outro circuito midiático. Um exemplo é o que foi dito em uma matéria jornalística na TV é respondido, contestado em cartaz, nas ruas. A resposta é a parte mais visível da circulação em fluxo (BRAGA, 2006).

Os conteúdos dos cartazes aparecerem comumente calibrados a partir da existência de outros meios, os conteúdos estavam sempre mudando a partir da existência destes outros, expressando valores articulados em atos. No cartaz entre a rua, a mídia tradicional e a rede moldou-se a construção de uma atividade arquitetônica da autoria, constituindo-se em pequenos textos (diferidos e difusos) nas sucessivas manifestações em junho de 2013 e que é a própria constituição destas manifestações.

O diálogo forma a arquitetônica, ele é uma unidade, mas não a difusividade de uma única ideia ou tema, mas certa coesão expressiva inerente às relações dialógicas, interacionais entre várias ideais e vozes. Dai pode-se afirmar que a arquitetônica constituída é a arquitetônica do valor, dos valores em jogo, apreendidos ao jogar o jogo, ao ingressar nas manifestações. Cada um segura o seu cartaz e diz nele o que deseja, mas sempre a partir de um dado contexto e de sua compreensão sobre este momento, sem a regulação prévia de um discurso institucionalizado.

A partir da forma de organização e atuação das manifestações, estando entre a rua e a rede, remete-se ao texto de Mata (1992) ‘Entre la plaza y la platea’ no qual a autora se refere à imagem de um movimento que revela novos espaços de produção de sentido

político. Embora o texto date do início dos anos de 1990 e a autora refira-se aos meios físicos e de massa, sua concepção de movimento dos espaços de interação e circulação midiáticas – portanto, um modo de pensar o campo da comunicação – cabe com ajuste, às manifestações de rua ocorridas nestes tempos de redes sociais digitais, como as jornadas de junho de 2013 no Brasil. Rubim (2000) refere-se ao estudo da autora dizendo que rua e tela não se eliminam ou se sobrepõem, mas realizam tensas interações.

A praça, compreendida como lugar onde ocorrem as trocas diretas, lugar de ação. A plateia, como espaço de mediação cujos meios de comunicação de massa são os principais ambientes entre os espaços clássicos da política e a cidadania. Seguindo o raciocínio de Mata (op.cit.) observa-se que as manifestações ocorrem em locais públicos, onde sucedem interações diretas, articularam-se cidadãos, havendo reconhecimento e confrontação de interesses envolvidos num mesmo espaço de ação - a rua, a praça. Por outro lado, a mesma sociedade que se dá em espetáculo na rua, reflete-se nas mídias onde se constitui a plateia – a cidadania se contempla como espectadores de si. Landowski (1992) em seu estudo sobre sociossemiótica, fala sobre 'sociedade refletida' e a explica dizendo ser um conceito relacionado à reflexividade cuja comunidade social se dá em espetáculo a si mesma, e assim fazendo, dota-se das regras necessárias ao seu próprio jogo. É a encenação de si nas interações cotidianas que contribuem para a construção de um espaço social de significação.

Partindo-se da concepção de Mata e agregando os processos midiáticos sócio-técnicos dados, sobretudo pela forte presença das mídias sociais, agregou-se ao trabalho o espaço virtual - lugar constituído em cooperação por ambas as estratégias: da praça e da plateia, e espaço de acirramento da polarização. Seguindo o raciocínio de Rubim, os espaços não se substituem, mas se conectam tensa e intensamente.

Em relação às manifestações, a praça se fez na ocupação das ruas, das avenidas das cidades, ascendendo a um espaço de representação privilegiado, pois público e, lugar de contemplação para quem observa o que se passa, sem dela participar diretamente. Praça ainda por ser o domínio do espetáculo, da atuação pelo contato presencial. Fez-se também plateia na sociedade que se dá em espetáculo, vendo-se refletida e refratada pelos meios de comunicação que faz isto aos meus modos e processos. As manifestações conclamadas, organizadas e em parte ocorrida nas mídias sociais, constitui-se ainda, espaço virtual de ação/atuação.

O cartaz passa por todos estes ambientes sendo adaptado, ajustado conforme as técnicas, regras e intenções de cada espaço. O cartaz cartolina, o cartaz mediatizado, o

cartaz postado são as várias performances deste suporte, que não somente sustenta e sinaliza uma mensagem, mas mostra-se adaptativo ao meio, comunicando e sendo comunicado. Refere-se aqui, portanto não somente a questão da 'tecnologia em cartaz' - escrita (na rua), imagem (na mídia), postagem (no espaço virtual) -, mas também a evidenciação dos modos como se processa uma manifestação contemporânea.